



David Capelenguela*

A inserção da hermenêutica, proposta por Santos (2000, p.11), crítica de forma original a ciência moderna, focando-se no discurso científico e na sua relação com o discurso normal e quotidiano (o senso comum). Propõe, nessa discussão, um recorte muito relevante para as pretensões contidas sobre o assunto e articula o seu eixo argumentativo dentro da área das ciências humanas, dialogando directamente com o senso comum. Sirvo-me dessa reflexão de Santos para dela derivar a argumentação de que as minhas discussões e reflexões com académicos mais apurados sobre matérias da teoria da literatura, da filosofia e do direito, têm-me levado a permanentes buscas epistemológicas que me possam dar sustentabilidade, para, de forma segura, dar passos mais consistentes relativamente à matéria que tenho vindo a trazer, como proposta das nossas conversas nas edições de Fim-de-Semana do *Jornal de Angola* e, sempre que se impõe tal necessidade, reelaborar uma dada perspectiva de visão epistemológica que, por uma dada circunstância, lhe tenha dado um inadequado enquadramento.

É, pois então isso, pretexto para dizer que na edição de 18/06/2023 deste jornal, ao abordarmos a angolanidade literária em Viriato da Cruz, no caso concreto do poema “Namoro”, dissemos, por lapso que o jornalista Alfredo Troni é angolano, ao fazermos referência à sua novela “Nga Muturi” (1882). Na verdade, embora não seja aqui chamada a questão de Alfredo Troni ter nascido em Coimbra, Portugal, na verdade, o motivo que deve conduzir-nos para tal categorização, este sim, deve ser uma irmanação que tenha assentamento nos referentes de sentir-se e por isso tornar-se angolano na vivência, na cultura e no afecto de uma artéria de esteio literário cujo sangue “é inequivocamente angolano: porque se integra numa tradição angolana, com a qual dialoga de muitas maneiras; porque usa uma linguagem angolana; porque trabalha temas e motivos que, sendo muitas vezes de alcance mais vasto, são de raiz angolana”. Embora a sua novela “Nga Muturi” até certo ponto se aponte para essa direcção, concordando com Santos (2000, p.11), na sua perspectiva de vigilância epistemológica, e socorrendo-me de uma passagem de Agostinho Neto que dizia que é preciso descobrir Angola aos novos, sou prudente

VIGILÂNCIA EPISTEMOLÓGICA: AINDA SOBRE A ANGOLANIDADE LITERÁRIA

O caso do poema “Carta de um contratado” de António Jacinto

o diálogo no espaço de um poema, cuja temática é a ausência da escritura como possibilidade afectiva, faz emergir, ao mesmo tempo, o estilo criativo de António Jacinto, indicando o seu lugar no mundo literário de língua portuguesa e a sua crítica ao sistema colonial português então vigente



a revista “Mensagem” (1951). Na década de 50 do século XX, verificaram-se movimentos revolucionários: Neorealismo e Negritude. Segundo Laranjeira (1995, pp. 36-42), neste período procura-se conciliar três factores: a) a exaltação do povo, na tradição romântica do *volksgeist*, sobretudo do proletariado (camponeses e operários), e a luta contra a burguesia; b) a busca da identidade nacional, ainda de tradição romântica, afirmando-a como projecto prometeico; c) a integração, simultaneamente universalista, no chamado mundo negro. Laranjeira advoga que nesta fase o caminho poético é caracterizado por três vertentes ideológicas: “o povo, a classe e a raça”. Segundo este autor: o Povo é o negro, trabalhador, explorado e oprimido. Numa palavra: colonizado.

Fundamentalmente, traça-se o quadro ou alude-se a figuras paradigmáticas de colonizados: contratados, prostitutas, escravos, moleques, ardinhas, lavadeiras, estivadores, analfabetos, serviçais, etc., pertencem à raça negra ou, no máximo, são mulatos mais raros. A Negritude concede-lhe o sentimento de exaltação da raça negra, nomeadamente na solidariedade com os negros do Novo Mundo e, por outro lado, sublinha o reconhecimento das raízes, que são étnicas, tribais, mergulhando nos milénios. É aqui, que a poesia negritudinista e nacionalista de António Jacinto, particularmente o poema “Carta de um contratado” é por nós chamada para delinear a cronologia literária angolana, caracterizar e contextualizar epistemologicamente o Movimento dos Novos Intelectuais de Angola, bem como reavaliar a percepção conceitual da geografia histórico-literária da revista *Mensagem*, enquanto berço da angolanidade.

Poema “Carta de um contratado”

Na construção do poema, cuja temática é a incomu-

nicabilidade pela língua escrita, encontramos, logo na primeira estrofe, a manifestação, magistralmente, do sentimento amoroso. Esse diálogo no espaço de um poema, cuja temática é a ausência da escritura como possibilidade afectiva, faz emergir, ao mesmo tempo, o estilo criativo de António Jacinto, indicando o seu lugar no mundo literário de língua portuguesa e a sua crítica ao sistema colonial português então vigente. Acresce-se a isso as perplexidades do intelectual colonizado que se vê no dilema de pertencer a um só mundo de aspectos contraditórios: o mundo do qual ele faz parte como elite intelectual dominante, mas um mundo do qual a extensa maioria de seus conterrâneos foi alijada.

“Poema da Alienação”

“Não é este ainda o meu poema / o poema da minha alma e do meu sangue / não / Eu ainda não sei nem posso escrever o meu poema / o grande poema que sinto já circular em mim / (...) / o meu poema sou eu-branco / montado em mim-preto / a cavalgar pela vida.”

(António Jacinto, 1961)

Porém, a grande questão apresentada pelo eu poético está no poema “Carta de um contratado”, onde se destaca a ausência da educação formal para as populações angolanas. Nele, o mal de amor sofrido pelos sujeitos do poema é alimentado justamente pela impossibilidade de comunicação, pois sendo analfabetos não podem enviar notícias de si pela escrita e leitura, de tal modo que a separação se torna ainda mais dolorosa.

“Eu queria escrever-te uma carta... / Mas ah meu amor, eu não sei compreender / por que é, por que é, por que é, meu bem / que tu não sabes ler / e eu - Oh! Desespero - não sei escrever também!”

A impossibilidade da escrita e da leitura impede o reencontro “virtual” dos amantes, e é essa a tônica da lamentação do poema, cujo tema é um amor impe-

dido pela distância, visto que o amante está a cumprir o “contrato” longe da sua terra e da mulher amada. Tendo como pano de fundo o mundo colonial, em que a cultura letrada era valorizada, mas sem acessibilidade a todos, o poema desmente o “caldeamento de culturas”, nas palavras do sujeito poético, e denuncia a cisão prevalente durante os séculos de ocupação, entre o mundo tradicional do nativo e o “mundo do colonizador” no espaço angolano. No poema, o contratado, arrancado do seu ambiente familiar para um ambiente hostil, longe da mulher amada e de quem não tem notícias, nem mesmo por meio do benefício mínimo prometido na ideia de “civilização”, a escrita.

“amor / que recordasse nossos dias na capôpa / nossas noites perdidas no capim / que recordasse a sombra que nos caía dos jambos / o luar que se coava das palmeiras sem fim / que recordasse a loucura / da nossa paixão / e a amargura da nossa separação...”

A separação como tema remete à ideologia da colonização e da exploração, pois, se no passado a empresa europeia explorou economicamente a escravidão, separando indivíduos da terra natal, continuava agora a fazê-lo pela instituição do contrato. E nem mesmo um meio de comunicação simples e eficiente, a escrita, estava à disposição dos colonizados do século XX. Sem os tradicionais tambores, meio de comunicação ancestral, caberia à carta o papel de levar as palavras pelas ondas do vento:

“amor / uma carta que te levasse o vento que passa / uma carta que os cajus e cafeeiros / que as hienas e palancas / que os jacarés e bagres / pudessem entender / para que se o vento a perdesse no caminho / os bichos e plantas / compadecidos de nosso pungente sofrer / de canto em canto / de lamento em lamento / de farfalhar em farfalhar / te levasse puras e quentes / as palavras ardentes / as palavras magoadas da minha carta / que eu queria escrever-te amor...”

A natureza, cuja relação com o homem do mundo tradicional é simbiótica, está presente no poema como mensageira do apaixonado (“uma carta que te levasse o vento que passa”). Mas os tempos são outros, e os mecanismos de interação entre seres e pessoas passaram a ser, também, a tecnologia do outro, do colonizador. Neste

caso, a tecnologia da escrita, sempre apresentada como superior e melhor, mas negada ao indivíduo autóctone.

Nessas estrofes, em que o eu poético lamenta não poder utilizar-se da natureza, está revelada a perplexidade do homem colonizado perante os efeitos negativos da colonização; as mudanças de postura e de mentalidade que os nativos são obrigados a adoptar, em detrimento de um mundo, cuja vivência seria facilitada pelas suas próprias formas culturais. Os versos parecem ensejar uma positiva relação dialéctica, em que o cosmo visão tradicional e aquela trazida pelo colonizador pudessem encontrar um lugar comum, no qual a exploração física e a submissão cultural estivessem ausentes.

Como se pode perceber, na presente reflexão, a questão do homem colonizado como homem de dois mundos, é aqui propositadamente trazida. O mundo colonizado e a metrópole, sendo que a segunda impõe sua autoridade utilizando-se da força, mas também da ideologia. Para que o dominado aceite a dominação é necessário que o dominador lance mão dos acessórios de que dispõe em detrimento do arcabouço cultural do outro. Para tal, é desvalorizada a cultura do outro, religião e crença, valorizando sobremaneira as qualidades do dominante. Isso coloca em evidência o que se defende como factor de civilização, fazendo que o outro passe a considerar as suas crenças e valores “bárbaros”, e o colonizador como detentor de uma cultura e de uma religiosidade superiores.

Considerações finais

Posto isto, direi que, em Angola, a justificação da dominação colonial portuguesa requeria como pré-requisito de credibilidade a proposta do sistema colonial como um sistema insubstituível. As instituições administrativas do sistema colonial eram construídas a partir da presunção legal e factual da inadequação do nativo para sobreviver ao lado de povos civilizados. É evidente que essa inadequação era vista através dos olhos e dos interesses do colonizador e do seu sistema sociopolítico.

Caracterizando-se por comportar o sentido histórico e cultural, o sistema de memória e referência em que se sustém o acto da inscrição da angolanidade literária tem por fim a expressão material da realidade angolana. Foi daí que, de alguma forma, os quadros mais influentes do MPLA, tenham sido consagrados escritores angolanos, nos momentos fundacionais do país como são os casos de António Agostinho Neto, António Jacinto, Mário Pinto de Andrade, Luandino Vieira, Costa Andrade, Jofre Rocha, Arnaldo Santos, Boaventura Cardoso, entre outros, permitindo reunir, num só grupo, todos os autores que faziam dela um meio de instrumento de combate e denúncia aos aspectos do colonialismo português.